

Relatório de Atividades

“Educação para Comercialização”

Processo de Alfabetização como suporte a formação de lideranças comunitárias e definição de alternativas de comercialização de PFNM

**RESEX Riozinho do Anfrísio
Altamira – PA**

Coordenador Programa Xingu:

André Villas-Bôas

Coordenador de Campo:

Marcelo Salazar

Concepção do projeto:

Marcelo Salazar, André Villas-Bôas, Cristina Velásquez, Cristiano Tierno de Siqueira, Valéria Vasconcelos.

Consultor Contratado:

Cristiano Tierno de Siqueira

26 de setembro a 30 de Outubro

2007

Relatório de Atividades
“Educação para Comercialização”
Riozinho do Anfrísio – Altamira - PA
26 de setembro a 30 de Outubro de 2007

Índice

1. Introdução	3
2. Reuniões Preliminares	4
3. Cronograma de Atividades	4
4. Reunião Geral – Localidade do Morro	5
5. Encontros de educação	5
a. <i>Estrutura dos encontros</i>	5
b. <i>A leitura e a escrita</i>	6
c. <i>Temas geradores - Organização Social/Associação</i>	7
d. <i>Produção</i>	8
e. <i>Comercialização</i>	9
f. <i>Pertencimento a RESEX: reivindicação de direitos e alguns conflitos na Relação com o IBAMA</i>	11
g. <i>Acordos de pesca</i>	12
h. <i>Acesso a educação escolar</i>	12
i. <i>Potenciais educadores da comunidade</i>	14
6. Algumas considerações	14
7. Impressões sobre a viagem de volta para a cidade de Altamira	14
8. Bibliografia Consultada	15
9. Consultor	15
10. ANEXOS	15
a. ANEXO 1 - Breve relato sobre moradores que acompanharam os encontros de educação – formação de educadores ribeirinhos	15
b. ANEXO 2 - Algumas dificuldades encontradas na aprendizagem da leitura e da escrita	17

1. Introdução

A implementação do Plano de Manejo em Reservas Extrativistas (RESEX) conta com as etapas de Diagnóstico Sócio-Econômico, Preparação para o Conselho Deliberativo, Criação do Conselho Deliberativo e estruturação do Plano de Manejo.

De novembro a dezembro de 2006 realizou-se o Diagnóstico das Reservas Extrativistas (RESEXs) Riozinho do Anfrísio e do Rio Iriri. Com base nestes diagnósticos construímos a estratégia de ação para preparação dos Conselhos Deliberativos. Identificada a alta taxa de analfabetismo nas RESEXs (+ de 80%) e o desejo latente pela leitura e escrita optamos pelo método de alfabetização de jovens e adultos (descrito por Paulo Freire), a fim de dar suporte para a validação de informações do Diagnóstico Sócio-Econômico e da Preparação do Conselho Deliberativo. Foram cerca de quinze dias em cada RESEX com encontros diários de três horas cada, sendo que durante o restante do dia haviam outras tarefas realizadas a elaboração do diagnóstico socioeconômico. Para isso houve uma convivência com o cotidiano ribeirinho – nas formas de geração de renda, na obtenção dos alimentos (caça, pesca, roça), na manutenção das casas e localidades, na educação familiar, na saúde e higiene.

Além do período de campo, em junho de 2007, quando da criação do Conselho Deliberativo das RESEXs em questão, realizou-se cinco encontros de alfabetização, com o intuito de somar outras experiências de leitura e escrita ao trabalho de alfabetização realizado com os ribeirinhos e proporcionar suporte para a formação destes na atuação como conselheiros. Como resultados dessas ações obteve-se um maior envolvimento de ribeirinhos nas discussões, descentralização do papel decisório do presidente das Associações das RESEXs para alguns ribeirinhos, gerando um fortalecimento das pessoas e da organização comunitária de que fazem parte. Dando seqüência às ações até aqui realizadas, pensa-se que a educação continua sendo uma demanda destas pessoas, a qual pode ser o suporte para trabalhar outras questões, como a produção e comercialização das RESEXs. O processo de alfabetização de jovens e adultos (Paulo Freire) tem como uma etapa de trabalho levantar o universo vocabular dos educandos, o qual - nesta etapa de trabalho – permeará a questão de produção e comercialização, como também de acesso à escolarização. Palavras como: regatão, lucro, associação, cooperativa, entre outras, vão gerar o processo de leitura de mundo e de apreensão da leitura e da escrita. Por meio do processo de discussão e entendimento da questão de produção e comercialização, como também das questões relativas à educação, pretende-se auxiliar no processo de melhoria da produção e comercialização dos produtos manejados pelos ribeirinhos, como também construir com estes ações de mobilização nos espaços coletivos de decisão e de influência nas políticas públicas, como também.

O processo de melhoria da comercialização da RESEX Riozinho do Anfrísio é uma necessidade latente, muito esperada pelos comunitários. Com a criação da RESEX, as fontes de renda diminuíram, pois alguns dos garimpos que

funcionavam dentro da RESEX foram fechados sem substituição de outra alternativa. A dependência dos regatões continuou e o não acesso aos mercados consumidores e nem a educação básica, dificultam a busca de novas alternativas de renda e conseqüentemente a melhoria na qualidade de renda das famílias. Nesse sentido propõe-se contribuir para diminuir essa barreira com a alfabetização de jovens e adultos dando suporte aos processos trabalhados de melhoria da renda das famílias.

2. Reuniões Preliminares

- UFPA – Conversa com o professor Mário, do Departamento de Educação, para retomada de contato feito na reunião de criação do Conselho Deliberativo, troca de informações sobre os trabalhos que estão sendo realizados e construção de possibilidades de atuação conjunta.
- Professora Ana (Pedagogia da alternância em assentamentos rurais da Transamazônica) – Troca de informações sobre os trabalhos que estão sendo realizados e construção de possibilidades de atuação conjunta.
- Secretaria Municipal de Educação de Uruará – Conversa com Paulo Edson, funcionário da Secretaria de Educação há 8 anos, sobre as políticas públicas que o município tem construído com relação a educação no campo e/ou para locais geograficamente afastados.
- Reunião com moradores da Maribel – Conversa para troca de ações que estão sendo realizadas na RESEX do Rio Iriri e na Maribel, a fim de se pensar em ações em conjunto, ou mesmo que se beneficiem uma das outras.

3. Cronograma de Atividades

01 a 04 – Viagem para o Riozinho

05 – Reunião Riozinho

06 a 08 – Encontro de Alfabetização no Morro

09 e 10 – Subida do Rio para a Localidade do Paulo Afonso

11 a 13 – Encontro de Alfabetização no Paulo Afonso

14 – Deslocamento

15 a 17 - Encontro de Alfabetização na Boa Saúde

18 – Deslocamento

19 a 21 - Encontro de Alfabetização - Barra do Vento

22 a 24 - Encontro de Alfabetização – Morro Verde

25 – Saída do Cris e Deusino do Riozinho

25 e 26 – deslocamento para a Maribel

27 – Reunião com moradores da Maribel e volta para Altamira.

28 e 29 – Reuniões em Altamira - Cristiano

30 – Volta do Cristiano para Campinas-SP

4. Reunião Geral – Localidade do Morro

A reunião ocorreu no dia 05 de outubro, sexta-feira e estavam presentes: Negão, Davi, Fogoio, Porrodó, Domingos, Herculano, Xaviel, Zelda, Vanilson, Vanilda, Francinelia, Ronildo, Raí, Jucelia, Doaralice, Mair, Vitorina, Maria Jose, Chico Preto, Chiconá, Nazaré, Cachiado, Raimunda, Alzenir, Chico Doido, Maria, Ronaldo, Valadar, Raimundo Valadar Junior, Joel, Neto, Zeca, Dadinho, Herculâninho, Alzilene, Selma, Edileno, Mudinho, Nicolau, Edna.

Haviam 40 pessoas na reunião com representações do baixo e médio rizinho. Ficou combinado que as mesmas questões feitas ao longo do dia seriam conversadas em núcleos menores com o Cristiano Tierno e comissão que se dispôs a acompanhá-lo (dinâmica de trabalho do mês está exposta no final do documento).

Nesta reunião, além das questões de comercialização, organização da associação e encaminhamento de problemas gerais, foram também definidas junto com os presentes a dinâmica dos encontros de alfabetização, multiplicadores que iriam acompanhar o professor Cristiano, locais e agenda de trabalho.

5. Encontros de educação

Na reunião de apresentação dos objetivos desta expedição e discussão de alguns pontos com relação a produção e comercialização, foi exposto a todos os dias que se permaneceria no Riozinho (18 dias) e programado junto com a comunidade 3 dias de encontros em cada localidade escolhida (Paulo Afonso, Boa Saúde, Morro, Barra do Vento, Morro Verde).

Foi sugerido que pessoas que dispusessem de tempo poderiam acompanhar os encontros ao longo dos 18 dias para ter aulas diariamente e ajudar nos encontros de alfabetização em cada um dos núcleos escolhidos. Algumas pessoas se dispuseram a acompanhar os encontros (ANEXO 1).

a. Estrutura dos encontros

Os encontros iniciaram-se pela localidade Morro, seguida pela Paulo Afonso, Boa Saúde, Barra do Vento e Morro Verde e tiveram a duração de 3 a 4 horas. Em cada localidade procurou-se retomar os encontros anteriores e os aprendizados que ficaram, dando enfoque para as discussões das palavras: *família, comunidade, voto, povo, roça e regatão*. Essa retomada foi o fio condutor dos encontros, sendo que dela puxávamos as discussões sobre os temas de produção e comercialização, como também de acesso à educação, na leitura de mundo das palavras, e a partir desta identificávamos os pontos a serem trabalhados com relação à leitura e à escrita.

Assim, para cada localidade foi criada uma forma específica de trabalho, dependendo das demandas e potencialidades locais. Isto é, nas localidades

onde o processo de leitura e escrita estava mais adiantado foi dado enfoque ao aprofundamento da leitura e ao exercício da escrita, enquanto que em outras localidades, como a Barra do Vento, foi dado um maior enfoque na identificação dos símbolos lingüísticos e na criação de elementos de apreensão destes. Porém, apesar das formas diferentes de trabalhar de localidade para localidade, houve com todas as pessoas envolvidas no processo uma retomada dos encontros anteriores, relacionando as leituras de mundo realizadas com os temas trabalhados no processo de melhoria da produção e comercialização, e aprofundando alguns pontos com relação à leitura e escrita de acordo com as possibilidades de cada turma.

b. A leitura e a escrita

Após a retomada das palavras trabalhadas nos encontros anteriores e a leitura de mundo compartilhada gerada por estas, foi trabalhado a produção de palavras, frases e textos do cotidiano dos moradores, e a partir desta produção íamos construindo coletivamente a “correção” das palavras, frases e textos.

Inicialmente as palavras, frases ou textos produzidos pelos moradores eram, um a um, escritos no quadro, para em seguida serem lidos pela turma. Em meio a leitura a turma ia encontrando as correções a serem feitas. Quando estas não eram identificadas pela turma havia uma mediação para se chegar a forma que se encontravam nos livros, por exemplo, o que foi escrito, a fim de contribuir com o processo de identificação das palavras nos textos que os moradores tivessem acesso.

A escolha de fazer coletivamente este processo se dá pela concepção de educação como um ato compartilhado, em comunhão, como nos lembra Paulo Freire, que não se faz por uma única pessoa que sabe e outras que não sabem.

É importante que se diga que este trabalho de “correção” foi feito relembrando-se que não existe certo e errado, existem formas diferentes de se comunicar que dependem do tipo de uso da linguagem: quando estamos conversando entre compadres\comadres se usa uma forma de falar e quando vai se fazer um abaixo-assinado se utiliza outra; uma forma de utilização da linguagem tem o objetivo de se comunicar e a outra além de ter a função de comunicação tem também um caráter legal.

Com isso, trabalhou-se a valorização da ação de transformar em símbolo o que se pronuncia de som e os diferentes usos que fazemos da escrita. Recordou-se dos cantores, dos escritores, dentre outras pessoas que escrevem do jeito que falam e são valorizados por isso, pois faz parte da história de vida destas pessoas. Através da forma como falamos e do que falamos “damos a ler”¹ com quem dialogamos mais do que palavras: junto as palavras vão traços culturais, dentre outras marcas que constroem a identidade de quem fala.

¹ Jorge Larossa. Linguagem e Educação depois de Babel. Belo horizonte: Autêntica, 2004.

Ao mesmo tempo, trabalhou-se a importância de saber a forma de escrita das palavras de acordo com a regra, a fim de contribuir para a leitura dos textos que os moradores tivessem acesso.

Procurando estimular a ação de escrever dos moradores e atender as diretrizes anunciadas por pesquisadores em educação de construção de materiais didáticos que sejam próprios às características locais, foi deixado como “tarefa de roça” a produção de textos que remetessem a lendas, causos, histórias da região, os quais poderiam dar origem a um material didático, fato esse que parece ter criado uma motivação nas pessoas presentes nos encontros.

Procurou-se, nos diversos momentos de atuação, manter-se o cuidado para que não tivéssemos ações de valorização da cultura letrada em detrimento da cultura oral; procurou-se buscar a apresentação da cultura letrada como uma outra possibilidade de comunicação, diferente da oral, fazendo uma leitura compartilhada dos valores que tem uma e outra de acordo com o momento que estão sendo requeridas: um contador de causo em ação, em volta de uma fogueira e ouvidos atentos, usa todo um conjunto de habilidades para fazê-lo, diferente de quem quiser relatar aquela experiência como parte de um estudo, o qual necessitará de outras habilidades.

c. Temas geradores² - Organização Social/Associação

Os problemas que envolvem a associação ocorreram com muita frequência nas discussões. As críticas iam no sentido da falta de organização e na sensação que se tinha que a associação não estava fazendo nada. Aqui se trabalhou bastante a questão de como está funcionando a associação e o que precisa melhorar, como, por exemplo, a comunicação das ações que estão sendo realizadas, dadas as distâncias entre localidades.

Questionou-se quais seriam as formas possíveis para melhorar a comunicação entre as diversas famílias à beira do Riozinho, o que as pessoas com as condições que tem agora podem fazer para se comunicarem melhor.

Em curto prazo a comunicação pode ser melhorada a partir das amizades que já se tem, trocando cartas, exercitando a leitura e escrita, perguntando como é que estão as coisas da associação, como é que se pode contribuir com os trabalhos, entre outras coisas. A longo prazo foi pensado que o barco que faça o trânsito de produtos para comercialização (proposta descrita no tema *comercialização*) possa ser um veículo de informações das ações da associação.

² Os temas geradores surgem a partir do interesse em provocar debates mais a fundo sobre as questões que as palavras geradoras sugerem. As palavras geradoras são as formas pela qual educadores e educandos irão construir um aprendizado sobre a leitura e a escrita. Este trabalho de levantamento das palavras geradoras, ou “pesquisa do universo vocabular” (Paulo Freire), se dá na convivência, na qual “o vivido e o pensado que existem vivos na fala de todos, todo ele é importante: palavras, frases, ditos, provérbios, modos peculiares de dizer, de versejar ou de cantar o mundo e traduzir a vida.” (BRANDÃO, Carlos Rodrigues, 2006) Segundo Brandão (2006), este levantamento das palavras geradoras é um “momento gerador”, “um momento de trabalho comum de que as outras etapas do método serão outras situações comuns de uma mesma descoberta aprofundada.” (BRANDÃO, Carlos Rodrigues, 2006)

Com relação aos papéis envolvidos na representação junto à associação, os papéis que estão colocados para os diretores, de responsabilidade por suas ações junto à associação, como também junto a sua família, fato esse comum a todos os outros moradores, e a cobrança da comunidade por um trabalho efetivo da associação, foi questionado a “falta de organização da associação” e a sensação de que a associação “não está fazendo nada”. Quem são as pessoas que estão responsáveis pelo andamento dos trabalhos da associação? Qual o conhecimento que as pessoas tem sobre os trabalhos que estas pessoas estão fazendo? Qual a minha contribuição para a efetivação das melhorias para a comunidade? O que cada morador está fazendo para a associação conseguir realizar as ações de melhoria da qualidade de vida dos moradores? O que significa votar em alguém para representante de uma associação ou outra representação pública? Qual a parcela de responsabilidade de cada um de nós?

A partir da reflexão sobre estas questões pensamos no cuidado que temos que ter na hora de tecer uma crítica às ações que estão sendo realizadas. É preciso ouvir quem está fazendo, quem está responsável por uma determinada função e como estão sendo feitas do ponto de vista de quem faz, para então poder contribuir para a efetivação dos trabalhos da associação e, por consequência, a melhoria da qualidade de vida das pessoas da comunidade.

Refletimos sobre o papel da associação no processo de comercialização da produção dos moradores da reserva. A importância que tem uma associação estruturada, com ações de informação de suas ações e mobilização para trabalhos coletivos.

Esta questão do associativismo é um tema que tem que estar na pauta dos encontros que forem feitos com a comunidade, trabalhando-o de diversas maneiras possíveis, procurando discutir os conflitos que são gerados no cotidiano, somando-se às ações de formação que podem ser feitas com os diretores da associação. Esta discussão precisa ser exercitada e aprofundada com a comunidade.

d. Produção

Como discutido em reunião com os moradores na localidade Morro, a castanha é o principal produto gerador de renda das famílias, sendo confirmado nas demais localidades. A partir daí se questionou quais outros produtos seriam potenciais geradores de renda. Um dos produtos que apareceu como forte potencial de geração de renda é a extração do látex da seringa. É necessário, no entanto, segundo os moradores conseguir um preço melhor.

Alguns moradores retomaram um histórico dos por quês que estão permeando o preço da seringa: a borracha que saía do Riozinho (aconteceu em outros lugares também, não sendo uma exclusividade desta região) vinha misturada com barro, peças de motor, dentre outras coisas, o que gerou uma desvalorização do produto.

Com relação à questão de criar possibilidades de retomar essa atividade como forma de obtenção de renda, Pedro, da localidade Paulo Afonso, fez uma sugestão interessante: convidar o Manuel Cunha, da RESEX Médio Juruá, para trabalhar com o pessoal do Riozinho as temáticas de organização comunitária, processo de associativismo, qualidade de produção de borracha, processos de negociação com empresas, dentre outras questões que podem contribuir para a melhoria do processo de geração de renda e de organização comunitária.

Discutimos sobre as formas de produção e de garantia de qualidade, a relação entre qualidade e preço do produto. Foi sugerido que se construa regras com a comunidade no sentido de proteção da possibilidade de haver moradores que desobedeçam as regras de conduta para atingir uma certa qualidade pretendida. Porém ficam algumas questões a serem respondidas: qual é a qualidade pretendida? quem cuidará desta qualidade, além do próprio produtor? Com relação a esta questão foi sugerido que cada saca de castanha tenha o nome do produtor no saco, a fim de que seja identificado a origem de um possível problema. Porém, foi alertado que é necessário se ter claro que é preciso ter cuidados durante todo o processo de beneficiamento da castanha, a fim de evitar problemas com as empresas compradoras do produto.

A troca de saberes e fazeres entre moradores, a fim de se elaborar coletivamente um processo de produção que atenda as demandas do mercado, e a construção de materiais didáticos com os moradores, descrevendo os processos produtivos e os cuidados envolvidos em cada etapa de produção, a qualidade adquirida, entre outras questões podem ser os temas geradores de ações de educação que possam ser promovidos, visando contribuir para uma maior articulação dos moradores em torno de um objetivo comum: a comercialização de produtos da floresta.

Outros produtos que surgiram como potenciais geradores de renda foram as sementes em geral para a confecção de artesanato – mulungu, açai, patauá, pachiúba..., a semente de copaíba (medicinal, paga-se R\$ 50,00 o quilo em Altamira), o óleo de copaíba, o óleo de andiroba (a massa também tem valor comercial), a farinha de mandioca, as frutas manga, açai, cupuaçu, cacau, banana, milho, mamona, óleo de babaçu, vinho de patauá, o arroz – Xaviel, Fogoio e Tonheira tem uma produção grande de arroz e foi requisitado junto ao INCRA uma máquina para beneficiá-lo.

e. Comercialização

Com relação ao escoamento da produção, a partir do questionamento de como poderia ser feito o escoamento da produção, foram feitas sugestões com relação ao uso da estrada que vara na localidade do Palhal. Esta é uma temática que esteve presente da localidade da Boa Saúde até a localidade de Buenos Aires.

Os moradores mais antigos retomaram o histórico da estrada. A estrada inicialmente varava na localidade Buenos Aires e na Alto Alegre e existe desde pelo menos 1903, data em que o pai de Seu Agostinho nasceu e ela já existia. Era utilizada para transportar carga puxada por animal (burro).

Segundo os moradores não há razão para a proibição da estrada, já que ela já existia mesmo antes dos madeireiros e grileiros e a sua utilização viabiliza o acesso a cidade mais próxima (Itaituba), principalmente em caso de tratamento de doenças. O escoamento da produção foi colocado como uma justificativa a mais para o uso da estrada.

Foi colocado aos moradores o questionamento de como seria feito para controlar o que entraria e o que sairia da reserva, já que o trânsito de entrada e saída seria facilitado. Estes contrapuseram o quadro atual de completo descontrole sobre o que entra e sai da reserva: as estradas que dão acesso ao igarapé Conceição e ao igarapé do Limão, possibilitando a retirada de exemplares de mogno da região, a destruição das castanheiras e copaíbas no Aurora e a restrição de acesso à região por seus moradores para a coleta de castanhas e óleo de copaíba – esta região tem um grande potencial de produção de castanhas e óleo de copaíba -, associados à dificuldade de fiscalização regular do IBAMA criam um quadro de descontrole da região.

Acredita-se que é necessário aprofundar esta discussão junto com a comunidade, pois há alguns fatores, como a fiscalização, por exemplo, que não funciona como se gostaria que ela funcionasse.

A corrupção, o poder, entre outras questões são importantes para serem discutidas com a comunidade, na busca de construir alternativas que fazem sentido para a comunidade. Além disso, talvez não tenha ocorrido um debate com relação ao tema estrada e pode-se ter construído um pensamento de que não adianta participar, pois o que fica é a imposição de uma verdade.

Questionados se não haveria outra forma de realizar o escoamento da produção, foi sugerido que haja dois barcos da comunidade, um que atenda a região do alto e médio Riozinho e outro que atenda o baixo Riozinho. Além do escoamento da produção estes barcos se encarregariam do abastecimento das famílias com produtos da cidade e do escoamento da produção das famílias. Ainda com relação a este tema, Seu Herculano relatou algumas dificuldades enfrentadas na tentativa de agregar um valor maior a produção local. Há de se entender os conflitos que foram gerados neste processo e aprender as lições que ficaram.

Foi questionado como se daria o armazenamento da produção das famílias. Onde seria guardada a produção das famílias? E em que local elas seriam armazenadas conjuntamente para aguardar o transporte encarregado de levar a produção para a cidade? Foi sugerida a construção de paiol nas localidades e a estruturação de galpões em localizações estratégicas (onde estão localizados os barracões da comunidade). Foi sugerido também que junto a estes galpões funcionem cantinas, as quais seriam locais de abastecimento de produtos da cidade.

Uma outra possibilidade de comercialização dos produtos da floresta que foi se configurando nos encontros foi a possibilidade de comercialização entre os próprios moradores de produtos geralmente comprados na cidade como arroz,

café, gerando renda e abastecendo o comércio local. Segundo alguns moradores responsáveis por grandes produções de arroz, por exemplo, como o Xaviel, é possível pensar em um comércio deste tipo. Esta questão não foi problematizada de maneira coletivizada com a população. Há de se pensar com mais cuidado como trabalhar neste sentido.

f. Pertencimento a RESEX: reivindicação de direitos e alguns conflitos na Relação com o IBAMA

Na localidade Paulo Afonso em especial está muito latente a história de conflito vivida por seus moradores na época em que estavam trabalhando para fazendeiros e grileiros e sofreram repressões por parte do IBAMA, Polícia Federal e Polícia Militar. Na época deste ocorrido, há uns 3 anos atrás, as suas armas foram apreendidas, inclusive suas espingardas. A espingarda é um equipamento essencial para o morador do mato, tanto para a segurança de sua família, como também para a obtenção de sua renda e alimentação cotidiana, e a falta desta para estas famílias deixou muitas marcas.

Entendendo que este histórico de repressão vivido por estas famílias é uma questão que perpassa a organização comunitária, o associativismo e a sua problematização pode contribuir para o entendimento dos conflitos que são construídos entre os moradores optou-se por trabalhar esta situação com mais profundidade.

Refletimos sobre as escolhas que foram feitas – de trabalhar junto aos grileiros e fazendeiros – e o que estava se ganhando com isso (melhoria da renda, acesso a saúde e promessa de acesso a educação) e o que estava se perdendo (o conhecimento de viver da mata sem destruí-la, retirar da mata a manutenção da existência de sua vida e de seus familiares garantindo isso para seus filhos e as gerações futuras).

Foram colocados por Pedro as perdas acarretadas a partir da apreensão de sua espingarda e a forma como esta ocorreu. Segundo Pedro, o IBAMA e a Polícia Federal entraram em sua casa perguntando por armas e serra elétrica; a serra elétrica foi entregue a espingarda foi levada de sua casa sem o seu conhecimento. Quando ele se deu conta da arma o pessoal do IBAMA e os policiais já estavam na voadeira partindo da localidade rumo a subida do rio, dizendo que deixariam na volta, o que não foi feito. Resultado: a espingarda foi roubada pelos policiais e pelo IBAMA, na compreensão de Pedro. Além disso, o que se seguiu foi um endividamento por conta das dificuldades de obtenção de renda, já que para a maior parte das atividades deste caráter a espingarda, como dito anteriormente, é equipamento essencial.

É importante relembrar que quando se vai para o mato não se sabe quando vai se topa com uma onça, ou mesmo com uma paca ou outro animal que possa servir de fonte protéica para a família. Associado a isso, seu pai nesta época passou por problemas de saúde, tendo que ficar por tempos na cidade hospitalizado, tendo que os filhos arcar com os custos envolvidos nesta situação. Com a somatória destes acontecimentos gerou-se uma situação que até hoje marca a família com grandes perdas.

Refletimos sobre a conduta de quem está administrando uma situação como esta, como o governo, por meio do IBAMA e Polícia Federal. Perguntou-se qual seria a conduta de alguém que está administrando a situação ocorrida; qual seria a ação que se eles fossem quem estivesse administrando a situação e soubessem que o processo que estava ocorrendo de expropriação dos bens que eram da comunidade havia participação de pessoas da comunidade teriam nesta situação? Se concordarmos que a maneira como foi feita a apreensão da espingarda não seja a melhor, mas isso não podemos mais mudar, já aconteceu, o motivo que gerou a ação repressora não seria passível de alguma outra ação? O que eles fariam? Ficou a pergunta no ar e o silêncio pensativo da reflexão sobre a situação vivida.

Acredita-se que a escuta e a discussão sobre esta questão criou uma comunicação muito boa entre nós e, associado ao trabalho de educação que foi realizado, o qual o pessoal da localidade demonstrou uma motivação inspiradora para trabalhar, propiciou uma atmosfera de cumplicidade em muitos momentos, cumplicidade esta essencial para uma participação efetiva na construção de conhecimentos que se seguiria.

g. Acordos de pesca

Foram relatados problemas de quebra do acordo de pesca construído pela comunidade, o que tem gerado conflitos entre as pessoas da comunidade e um enfraquecimento ainda maior da ação do IBAMA na região. Foi denunciado pesca fora da região permitida, uso de malhadeiras para venda de peixes, matança de jacarés e lontras, os quais “atrapalham” a atividade dos pescadores, a diminuição da quantidade de peixes e o aumento da dificuldade da pesca para o consumo. Em várias localidades foi observado pesca para venda com malhadeiras, peixes mortos e um jacaré morto.

Questionou-se o que poderia ser feito para melhorar esta situação e diminuir os conflitos entre os moradores. Em meio a discussão foi aparecendo tanto o fortalecimento das ações de fiscalização do IBAMA como também a criação de alternativas de geração de renda, a fim de desestimular a pesca como fonte de geração de renda. Nesta época do ano quase não resta alternativa de renda para a população da reserva, com exceção de um ou outro morador que conseguiu, por exemplo, uma venda de sacas de farinha de mandioca.

h. Acesso a educação escolar

Durante os encontros e nos momentos de convivência foi-se trabalhando na reflexão sobre as ações que foram realizadas com relação a alfabetização e formação, sobre as ações que a comunidade têm construído para se concretizar o acesso a este direito e o que precisaria ser feito, que não está se fazendo, para “fazer acontecer” uma educação escolarizada.

Os moradores demonstraram-se esperançosos com relação às pessoas que têm acompanhado os encontros, procurando formarem-se professores, sendo que algumas colocaram o entendimento de que esse é o rumo: a valorização e

o fortalecimento do conhecimento das pessoas da comunidade, as quais vão dar continuidade as ações que possam se iniciar, diferente de uma pessoa de fora, que tem uma família, que não se acostuma com as características do lugar e, depois de um tempo, deixa a comunidade desassistida.

Aqui foi discutida a entrevista do professor indígena Mutuá Mehinaku, refletindo sobre a sua história de vida e sobre os objetivos que a educação da população indígena (e das populações tradicionais) persegue, tendo como pano de fundo uma cultura homogenizadora.

A valorização dos conhecimentos tradicionais como um fator que pode contribuir para o respeito aos costumes, hábitos e tradições, a organização do trabalho, a organização familiar e comunitária. Esse respeito é ponto de partida para a melhoria da educação das pessoas, pois a educação que será construída no cotidiano de relações de educadores e educandos tem como premissa a melhoria da qualidade de vida da comunidade, comunidade esta que forjou as suas identidades.

É como argumenta Mutuá Mehinaku: “A gente precisa usar a educação indígena para ensinar e estimular os jovens a participarem mais da preservação da cultura. A escola indígena tem como papel fundamental manter viva nossa identidade e ampliar nossa cultura tradicional.” (Revista Brasil Indígena, 2006)

Outro ponto trabalhado foi a reunião realizada pela prefeita de Altamira Odileida Sampaio, na casa do Fiel, funcionário da SESP (Secretaria Estadual de Saúde do Pará), com os moradores do Riozinho. Nesta reunião foi discutida a questão da escolarização na região e foi proposto pela prefeita a construção de duas escolas. Um dos moradores contrapôs esta proposta com uma de construção de uma escola, argumentando que a construção de uma escola já está difícil, duas então pode tornar a proposta impraticável. A prefeita questionou dos moradores se eles se dispunham a trabalhar na construção dos espaços de aula, tirando as madeiras e levantando a estrutura que abrigará as aulas. Os moradores colocaram a sua disposição em trabalhar, porém disseram que necessitavam de gasolina para funcionar as serras-elétricas para tirar as madeiras. A prefeita ficou de disponibilizar o combustível. Prometeu que até o fim do ano ela vai até a comunidade para dançar um forró com o pessoal. Disse também que se as coisas não acontecerem como prometido os moradores podem cobrar do Fiel. Essa foi a percepção que ficou da reunião dos moradores com a prefeita. E foi a partir desta percepção que trabalhamos na leitura de mundo compartilhada.

Questionou-se se era a primeira vez que estava sendo feito um plano deste tipo, se era a primeira vez que se propunham ações na região. Foi lembrado que dos prefeitos de Altamira três eram filhos da região e, no entanto, nenhum deles conseguiu atender as reivindicações da população. Em uma conversa com Seu Herculano, este nos disse que já havia feito reuniões com a prefeita e esta já havia prometido a escola na região e também já havia prometido ir até a comunidade para dançar um forró com o pessoal, o que não aconteceu. Pensou-se, portanto, que não dá para ficar esperando que surja uma ação

diferenciada desta vez, mas que se ela ocorrer será bem vinda, se atender os cuidados de respeito à organização comunitária e aos conhecimentos tradicionais característicos da região, questão esta que precisa ser mais aprofundada no coletivo.

i. Potenciais educadores da comunidade

Para aprofundar a questão da importância da formação de educadores que sejam da comunidade fizemos a leitura de uma entrevista com um professor indígena (Mutuá Mehinaku – Revista Brasil Indígena), contando a sua experiência de se tornar educador em sua comunidade. A partir desta leitura fizemos algumas discussões sobre a realidade indígena e a realidade ribeirinha, no que se refere à educação em comunidades isoladas. Refletimos sobre a necessidade apontada pelo professor indígena de fortalecer a formação de professores locais, a fim de resolver o problema da continuidade dos trabalhos – já que a manutenção de professores de fora da região é inviável a médio e longo prazo. Outra questão contemplada com a formação de professores locais é a valorização do conhecimento tradicional, de maneira a dialogar o conhecimento construído no cotidiano das comunidades, historicamente, com os conhecimentos científicos e tecnológicos.

A partir dessas reflexões foi pedido que as pessoas presentes nos encontros pensassem se a história de vida daquele professor indígena tinha a ver com as suas vidas: será que eu me interesso por educação? Será que eu me interesso em dar aulas para pessoas da minha comunidade? Será que eu gostaria de aprender mais sobre este ofício?

Ficaram estas reflexões para as pessoas. Outras informações com relação a formação de educadores ribeirinhos estão no Anexo 2.

6. Algumas considerações

O trabalho realizado tendo como referencial básico a Educação Popular, por meio do diálogo e da problematização, se mostrou uma forma de ampliação da empatia entre educador e pessoas da comunidade, de aprofundamento das questões relativas a produção e a comercialização, como também de outras, e de construção de propostas a partir do ponto de vista e da reflexão coletivizada da comunidade.

7. Impressões sobre a viagem de volta para a cidade de Altamira

Durante o trajeto de volta foram flagrados diversos pescadores de fora da RESEX do Iriri com acampamentos na beira do rio, maioria amadores (6 acampamentos) e alguns profissionais (4 barcos) e foram vistos 2 grupos capturando acaris (peixes ornamentais). Na Transiriri foram encontrados 4 caminhões madeireiros, haviam 4 geleiros esperando peixe na Maribel, assim como um fazendeiro local, muitos bêbados mesmo de manhã. Havia também muitos índios Kuruia transportando mercadorias para o Garimpo Madalena.

Foram encontrados 5 barcos de pescadores subindo o rio, 3 de fora da RESEX.

Incrível, como mesmo nesta época de muitas dificuldades de navegação, as atividades não param no rio. É completamente natural para eles empurrar os barcos, catracar (puxar) o mesmo com ajuda de cordas presas em pedras ou árvores. Foram presenciadas duas situações, uma com o barco do Pedro Costa na subida e outra com o Barco do Zezinho na descida (que inclusive ajudamos). A diferença é que não são imprevistos, são obstáculos que fazem parte do cotidiano deles nessa época do ano. Estão preparados para levar de 10 a 14 dias de Altamira para o Riozinho ou para o Garimpo Madalena.

8. Bibliografia Consultada

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

LAROSSA, Jorge. **Linguagem e Educação depois de Babel**. Belo horizonte: Autêntica, 2004

MEHINAKU, Mutuá. In: **Revista Brasil Indígena**. FUNAI: Ano III, nº 3, julho/agosto/setembro, 2006.

VASCONCELOS, Valéria; SIQUEIRA, Cristiano (et al.); SALAZAR, Marcelo. Inclusão Social e Educação Popular: Uma experiência em Reservas Extrativistas na Terra do Meio. In: ANAIS: Teresópolis, **SAPIS**, 2007.

9. Consultor

Cristiano Tierno de Ciqueira é formado em Educação Física pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e Mestre em Educação também pela UFSCar. Foi professor da rede pública na cidade de Brotas e educador para diversos grupos de baixa renda da região de São Carlos-SP. Foi consultor para a elaboração do Diagnóstico Socioeconômico e formação dos conselhos deliberativos das RESEXs Riozinho do Anfrísio e do Rio Iriri, incluindo a adaptação e aplicação do método de Alfabetização em 40 horas de Paulo Freire. Atualmente é pesquisador da UFSCar (Grupo de Pesquisa “Práticas Sociais e Processos Educativos”) e integrante do NAPRA (Núcleo de Apoio à População Ribeirinha da Amazônia) desde 2000 coordenando atividades de educação do grupo.

10. ANEXOS

a. ANEXO 1 - Breve relato sobre moradores que acompanharam os encontros de educação – formação de educadores ribeirinhos

Os moradores que acompanharam os encontros de educação, como uma possibilidade de aprofundamento da formação que estava sendo realizada, foram o Alzenir (Praia), Raimunda (Praia) e Edileno (Bom Jardim), e Raimundo

Valadar. Ronaldo, que já havia acompanhado os encontros de alfabetização realizados em março e abril deste ano no Iriri, não pôde acompanhar os encontros por motivo de estar sozinho para cuidar da casa. Alzenir, Raimunda e Edileno acompanharam os encontros no Morro. Na subida para a localidade Paulo Afonso, Edileno não pôde mais acompanhar, por motivos de ter que pescar no gelo. Alzenir e Raimunda seguiram acompanhando os encontros, com exceção dos encontros realizados na localidade Barra do Vento.

Em uma breve reflexão sobre este acompanhamento, pensa-se que o Alzenir foi quem demonstrou um maior amadurecimento e um maior interesse no decorrer dos encontros. Foi quem ficou atento as discussões, participou, mostrou-se motivado pela experiência de aprender a ensinar. Edileno, apesar de não poder participar de mais encontros, também foi quem demonstrou interesse.

Alzenir participou por diversas vezes como mediador dos encontros, principalmente na localidade Morro Verde, isto quando era solicitada a sua intervenção ou quando ele se sentia a vontade para fazê-lo.

Quanto a Raimunda, houve um desinteresse que foi evoluindo até o ponto dela não querer mais acompanhar os encontros. Foi conversado com a mesma por mais de uma vez a fim de fazer uma avaliação dos encontros, e, segundo a mesma, não havia nada além de uma vontade de querer voltar para casa e cuidar da mesma. O casamento recente com o seu marido Alzenir, a idade de 15 anos, o fato de ser mulher e ter que ajudar na elaboração das refeições e na limpeza dos utensílios e estar pronta e motivada para a aula, dentre outros fatores podem ter colaborado para esse desinteresse. Pode ter havido também um interesse da sua parte de acompanhar o marido nos encontros, o que não se refletiu no seu interesse pela educação.

Acredita-se que apesar dessas diferenças de postura é importante continuar investindo em ações deste tipo com estas e outras pessoas que se disponham a acompanhar os encontros de educação. Além do Alzenir, Raimunda e Edileno, é importante lembrar que na expedição anterior Galo e Ronaldo acompanharam as atividades de educação e se mostraram motivados pelo trabalho.

Pessoas com habilidade de leitura e escrita e/ou motivação para aprender a ensinar:

Morro Verde – Alzenir, Carmencélia, Francisca (Chica Preta), Raimunda (Dinha), Zezinho.

Barra do Vento – Fogoió.

Morro – Ronaldo, Edileno, João Neto, Maria José, Nalva, Davi.

Boa Saúde – Anete

Lajeado – Galo, Maria Odelissa, Pedro, Fernando.

b. ANEXO 2 - Algumas dificuldades encontradas na aprendizagem da leitura e da escrita

Na localidade Barra do Vento foi identificado um hábito de escrever de trás para frente. Como ação de entendimento do padrão de escrita adotado pela maioria das pessoas no Brasil, foi retomado aonde é a frente do caderno, qual é o alto da página, a convenção de escrita adotada por nós brasileiros (no Japão, por exemplo, o jeito dela poderia ser entendida, mas para as convenções nossas fica difícil a compreensão), retomada da função da escrita – a comunicação: nós temos que comunicar por símbolos, “desenhos”, o que estamos acostumados a comunicar em sons, para *participar* com outras pessoas que a gente não pode falar “ao vivo”, para isso os símbolos tem que ter o mesmo desenho. É que nem os pé-de-pau, se muda o formato das folhas ou o formato do tronco muda também a espécie, assim como acontece com os sons.

Relatório preliminar de Atividades Expedição de Comercialização - Riozinho do Anfrísio

Setembro a Outubro de 2007

Concepção: André, Cristina, Marcelo

Execução: Marcelo

Apoio operacional: Arminda e Simone

Consultor Contratado: Cristiano Tierno de Siqueira, Educador

Resultados Preliminares

- Instituições locais contactadas;
- 5 fornecedores locais cadastrados;
- 2 reuniões com cerca de 15 moradores da RESEX do Xingu em Altamira;
- 2 reuniões com cerca de 10 moradores da RESEX do Riozinho do Anfrísio em Altamira;
- 1 reunião com 40 moradores da RESEX Riozinho do Anfrísio na localidade Morro:
 - Constituída uma comissão para fazer reunião de negociação da safra de castanha com a empresa TRANSFORMA de Altamira;
 - Sugestões para a manutenção e uso do Barco da Comunidade;
 - Definição de produtos prioritários para busca de mercado;
 - Marcada uma reunião de diretoria da Associação (1ª na história da associação).
- Encontros de educação nas localidades Morro, Paulo Afonso, Boa Saúde, Barra do Vento e Morro Verde;
- Visitas de retomada do vínculo, de breve discussão sobre os objetivos desta expedição e de preparação para a próxima expedição (novembro/dezembro) em todas as localidades do Riozinho (com exceção do Portinho).
- FUNAI – Conversa rápida com Benigno na rua, em frente a casa de apoio do Riozinho. Ida ao escritório no dia 08 de outubro, mas o mesmo estava em reunião.
- IBAMA – 4 Reuniões: 1 – Reunião para definição de como fazer o plano de uso das RESEX e apoio no planejamento da expedição de novembro/dezembro; 2 – Apresentação das atividades do ISA na Terra do Meio para Patrícia Greco, Daniel Castro e Roberto Scarpari; 3 – Reunião informal para passar demandas das RESEX após a volta (dia 07 a noite); 4 – Conversa sobre as possíveis ações a serem incluídas no POA 2008 e denuncia sobre madeireira em Altamira. (Taxista do Hotel Augustos relatou

diversas informações sobre operações ilegais com ATPFs na região. Escrevi uma denúncia anônima e entreguei ao IBAMA.

- IPAM – Conversa telefônica com Marcos. O mesmo estava em Manaus.
- FVPP – 3 reuniões e diversas conversas telefônicas. 1 – Conversa com Paulinha para alinhamento geral sobre as atividades (dia 27); 2 – Conversa com Paulinha, Zezinho, Toninha e Melo – apresentação do diagnóstico, diálogo sobre as ações mais gerais na região, detalhamento da expedição de outubro e ações até o final do ano e conversa sobre o projeto “Balcão da Cidadania”; 3 – retorno sobre as atividades desenvolvidas no riozinho. Boa conexão com a equipe da FVPP.
- Prefeitura de Altamira – Pessoal do Riozinho fez reunião com Odileida Sampaio com foco na questão da educação. Prefeita prometeu escola para o início de 2008. Não participei da reunião por estar solucionando questões de preparação da expedição. Conversei com enfermeiro da Secretaria de Saúde (Lajelson). Mostrou-se animado em tentar buscar mais efetividade nas ações no próximo ano.
- Associação de Moradores do Médio Xingu – 2 reuniões e compra do motor. As reuniões reuniram cerca de 15 a 20 comunitários cada e foram focadas na apresentação das atividades do ISA, uso do barco da associação, relatos sobre o encontro dos povos das florestas e Status do processo de criação da RESEX. Foi decidido também sobre a compra do motor.
- Associação de Moradores da RESEX do Riozinho do Anfrísio – 2 reuniões na casa de apoio e uma reunião no Morro (melhor relatada abaixo). O primeiro encontro foi somente para ouvi-lo e não falei nem do projeto e nem do ISA. No segundo encontro focamos no projeto de comercialização e apresentação das atividades do ISA na região.
- INCRA – Conversa rápida com Bruno (gerente regional) retomando questões do conselho e apresentando atividades do ISA. Não houve tempo para cobrar posição sobre os créditos apoio e habitação. Diversas idas ao escritório regional junto com pessoal do Riozinho para solucionar transporte de cestas para a RESEX.
- MINISTÉRIO PÚBLICO – Reunião rápida com Marco Antônio apresentando-me como novo integrante do ISA e reafirmando a disposição em contribuir. Foi entregue os mapas realizados e conversamos sobre os resultados dos mapas anteriores. 2 ações foram movidas até o momento (reportagens enviadas por e-mail)
- PAULO AMORIM – Conversa sobre as atividades do ISA e sobre as direções profissionais do mesmo. Está fazendo um projeto para o Goeldi relacionado com o complexo Hidrelétrico Belo Monte. Está com muitas informações a respeito.

- CPT – Conversa com Cristiano sobre as atividades da CPT na região. Sem novidades por enquanto. Estão sem recursos e sem equipe.
- Evento lançamento do Selo DEMA – Participação do evento ocorrido no dia 27 a noite.
- UFPA – Conversa com o professor Mário, do Departamento de Educação, para retomada de contato feito na reunião de criação do Conselho Deliberativo, troca de informações sobre os trabalhos que estão sendo realizados e construção de possibilidades de atuação conjunta.
- Professora Ana (Pedagogia da alternância em assentamentos rurais da Transamazônica) – Troca de informações sobre os trabalhos que estão sendo realizados e construção de possibilidades de atuação conjunta.
- Secretaria Municipal de Educação de Uruará – Conversa com Paulo Edson, funcionário da Secretaria de Educação há 8 anos, sobre as políticas públicas que o município tem construído com relação a educação no campo e/ou para locais geograficamente afastados.
- Reunião com moradores da Maribel – Conversa para troca de ações que estão sendo realizadas na RESEX do Rio Iriri e na Maribel, a fim de se pensar em ações em conjunto, ou mesmo que se beneficiem uma das outras.

Preparação da Expedição

Cadastramento de Fornecedores:

Segundo indicação da Arminda e Simone, foram cadastrados fornecedores de serviços para o ISA.

- Posto Arco Íris (Combustível)
- Supermercado Alvorada
- APIVOAL – Associação de Pilotos de Voadeira de Altamira (Associação de serviços de transporte de qualquer natureza)
- Hotel Augustos
- Selaria Mineira (Motores, plásticos, botas, facão e utensílios para produção)
- Telecom – Serviços de rádio amadores (venda, aluguel e conexão com ribeirinhos)

Foi decidido junto com os ribeirinhos que o melhor dia para sair de Altamira era 2ª feira, dia 01 de outubro para poder aproveitar a viagem e levar as cestas do INCRA e pessoas do Riozinho que estavam na cidade esperando passagem há bastante tempo.

Logística

26 a 01 – Reuniões em Altamira

01 a 04 – Viagem para o Riozinho

05 – Reunião Riozinho

05 e 06 – Volta do Marcelo para Altamira
07 – Reuniões em Altamira – Marcelo

06 a 08 – Encontro de Alfabetização no Morro
09 e 10 – Subida do Rio para a Localidade do Paulo Afonso
11 a 13 – Encontro de Alfabetização no Paulo Afonso
14 – Deslocamento
15 a 17 - Encontro de Alfabetização na Boa Saúde
18 – Deslocamento
19 a 21 - Encontro de Alfabetização - Barra do Vento
22 a 24 - Encontro de Alfabetização – Morro Verde
25 – Saída do Cris e Deusino do Riozinho
25 e 26 – deslocamento para a Maribel
27 – Reunião com moradores da Maribel e volta para Altamira.
28 e 29 – Reuniões em Altamira - Cristiano
30 – Volta do Cristiano para Campinas-SP

Viagem

Como o rio estava muito seco, a sugestão do piloto da voadeira foi em contratar um caminhão de Altamira para a Maribel (porto localizado antes da RESEX do Rio Iriri, no Rio Iriri). Foram 14 horas na Transamazônica e Transiriri, 190 km até Ururuará e mais 100 km até a beira do Rio. A estrada estava muito boa e sem grandes obstáculos a transpor. Como viajamos a noite, não havia muita poeira e nem movimento. Cerca de 10 pessoas do Riozinho foram junto. O caminhão era novo, com cobertura, a carga ficou muito bem acondicionada, assim como as pessoas. Motorista muito cuidadoso.

Da Maribel foram 3 dias de viagem até o morro, com diversos trechos muito secos, sendo necessário sair da voadeira para empurrar. O papel do Varejador (Raimundo Valadar filho), desviando de pedras com uma vara na proa da voadeira foi fundamental. Na primeira noite dormimos no Sr. Antônio Bento, na segunda noite no Manoelito e no fim do terceiro dia, quinta-feira, dia 04, chegamos a localidade do Morro, local da Reunião. Durante a subida fizemos algumas paradas no Iriri para explicar o que iríamos fazer no Riozinho e que em Novembro estaríamos de volta para uma reunião com eles. No riozinho passamos em todas as casas da boca até o morro, quase todos os moradores haviam sido avisados da reunião, inclusive os do médio riozinho. Com relação ao pessoal do alto riozinho, por conta do rádio do Portinho ser de posse de uma família que está em conflito com as direções que o órgão gestor da reserva (IBAMA) têm seguido, não houve comunicação da ocorrência da reunião no Morro.

Reunião Morro

Dia 05 de outubro, sexta-feira.

Presentes: Negão, Davi, Fogoio, Porrodó, Domingos, Herculano, Xaviel, Zelda, Vanilson, Vanilda, Francinelia, Ronildo, Raí, Jucelia, Doalice, Mair, Vitorina, Maria Jose, Chico Preto, Chicon, Nazaré, Cachiado, Raimunda, Alzenir, Chico Doido, Maria, Ronaldo, Valadar, Raimundo Valadar Junior, Joel, Neto, Zeca, Dadinho, Herculanozinho, Alzilene, Selma, Edileno, Mudinho, Nicolau, Edna.

Muitos representantes do Baixo riozinho, alguns do médio (todas as regiões representadas) e nenhum do alto. Dionizio, Gildo estavam no garimpo, Chico Carço estava pescando com o Sr. Raimundo Belmiro, que também não compareceu pois tinha compromisso com o peixe no gelo! Fernando e esposa passaram pelo morro no dia anterior, mas estavam ansiosos para chegar em casa por conta do filho recém nascido.

Enfim, haviam 40 pessoas na reunião com representações do baixo e médio rizinho. Ficou combinado que as mesmas questões feitas ao longo do dia seriam conversadas em núcleos menores com o Cristiano Tierno e comissão que se dispôs a acompanhá-lo (dinâmica de trabalho do mês está exposta no final do documento).

Pauta

- Alongamento
- Comercialização
- Educação
- Saúde
- Comunicação
- Transportes
- Organização comunitária

Perguntamos para os ribeirinhos em grupos a quantidade de produtos do rizinho inteiro

Produtos	Quantidades
Castanha	1000 a 1500
Copaíba	300 kg – 2000kg
Andiroba	800 litros
Breu	1000 kg
Óleo Coco	300 kg
Mel de Abelha	400 lt
Peixe Salgado	2000 – 3000 Kg
Peixe no gelo	5000 – 6000 kg
Seringa	200 kg
Óleo de Pataua	80 lt
Farinha	100 sacos
Arroz	100 sacos

Somente o Tonheira colheu 60 sacos de arroz, tonheira – 25 sacos e Domingos, 5 sacos.

Este ano somente Chico Preto e Raimundo Belmiro pescaram 6000 kg de peixe no gelo.

Como melhorar a renda da comunidade / das famílias?

- Aproveitar outros produtos
 - Seringa
 - Babaçu
 - Cumaru
 - Cipó Titica

- Açai / Caju / Manga / Cupuaçu / Cacau / Banana
- Mamona
- Sementes em geral para a confecção de artesanatos- molungu (tento), açai, patauá, pachiúba, dentre outras
- Semente de copaíba para fins medicinais
- Arroz

- Aproveitar melhor os produtos já produzidos

- Aumentar a Produção
- Aumentar o preço do Produto
- Diminuindo os custos de produção/transporte (Rocio)

Melhorar renda com produtos que já existem:

- Vender para Empresa
 - CNPJ
 - Nota Fiscal
 - Organização para Vender em quantidade
 - Ter responsável para tomar conta da produção
 - Saber a quantidade a ser vendida
 - Encontrar uma empresa boa
 - Regras
 - Cuidar da qualidade

Como começar?

Organizar associação

- Organizar contas da associação
- Organizar os projetos que já existem na associação
- Organizar Reuniões de diretoria e da comunidade

Conversar com empresa de óleo de Castanha de Altamira (Transforma)

- Tirar uma comissão para ir para Altamira para negociar Castanha
- Saber a quantidade de cada família
- Como organizar o recebimento da produção antes de enviar para Altamira – identificação de cada morador na embalagem que comporta a produção.
- Divisão do Dinheiro

Comissão Sugerida: Herculano, Chico Preto, Fogoió, Pedro, Dionízio, Porrodó, Manchinha. (cabe lembrar que Pedro, Dionízio e Manchinha não estavam presentes na reunião). Pedro concordou com a sua presença na comissão. Dionízio não se configura como um participante desta comissão, já que tem sido visto pela própria comunidade como uma pessoa que está em conflito com as ações que têm sido implementadas pelo IBAMA e demais Instituições associadas.

Outubro – Perguntar quem quer e quem não quer participar e verificar quantidades que gostaria de negociar com a empresa.

Novembro – Reunião com a empresa e comissão da comunidade para 1ª negociação.

Novembro/Dezembro – Ver se a comunidade concorda.

Como Aumentar a produção?

Buscar financiamento para produção

- 10 caixas de castanha (Caxiado)
- 1000 a 2000 mil reais (manchinha)

Observação colocada: Hoje o regatão que financia a produção.

Barco

- Precisa fazer uma reforma / revisão do barco todo ano;
- Ter uma lancha grande para o inverno e uma pequena para o verão;
 - Cada um dá um pouco da produção para arrumar a lancha;

Como melhorar o preço do produto?

Melhorar a qualidade do Produto / Controlar a qualidade?

Ter uma pessoa para controlar a produção

Certificação dos produtos

Produtos preferidos para tentar encontrar Clientes:

- Castanha
- Copaíba
- Andiroba
- Patauí
- Farinha
- Seringa
- Cumaru
- Mel (tubi de fogo e Europa)
- Óleo de Babaçu

Foram denunciados invasão pelo Igarapé do Conceição e pelo Igarapé do Limão para retirada de madeira e atividade intensa no garimpo Fortaleza.

Foi explicado as funções do ISA na região e a parceria com a FVPP.

Encontros de educação

Na reunião de apresentação dos objetivos desta expedição e discussão de alguns pontos com relação a produção e comercialização, foi exposto a todos os dias que se permaneceria no Riozinho (18 dias) e programado junto com a comunidade 3 dias de encontros em cada localidade escolhida (Paulo Afonso, Boa Saúde, Morro, Barra do Vento, Morro Verde).

Foi sugerido que pessoas que dispusessem de tempo poderiam acompanhar os encontros ao longo dos 18 dias para ter aulas diariamente e ajudar nos

encontros de alfabetização em cada um dos núcleos escolhidos. Se dispuseram a essa jornada: Alzenir (Praia), Raimunda (Praia) e Edileno (Bom Jardim), e Raimundo Valadar. Ronaldo, que já havia acompanhado os encontros de alfabetização realizados em março e abril deste ano no Iriri, não pôde acompanhar os encontros por motivo de estar sozinho para cuidar da casa. Alzenir, Raimunda e Edileno acompanharam os encontros no Morro. Na subida para a localidade Paulo Afonso, Edileno não pôde mais acompanhar, por motivos de estar pescando no gelo. Alzenir e Raimunda seguiram acompanhando os encontros, com exceção dos encontros realizados na localidade Barra do Vento.

Estrutura dos encontros

Os encontros iniciaram-se pela localidade Morro, seguida pela Paulo Afonso, Boa Saúde, Barra do Vento e Morro Verde e tiveram a duração de 3 a 4 horas. Em cada localidade procurou-se retomar os encontros anteriores e os aprendizados que ficaram, dando enfoque para as discussões das palavras *família, comunidade, voto, povo, roça e regatão*. Essa retomada foi o fio condutor dos encontros, sendo que dela puxávamos as discussões sobre os temas de produção e comercialização, como também de acesso a educação, na leitura de mundo das palavras, e a partir desta identificávamos os pontos a serem trabalhados com relação a leitura e a escrita.

Assim, para cada localidade foi criada uma forma específica de trabalho, dependendo das demandas e potencialidades locais. Isto é, nas localidades onde o processo de leitura e escrita estava mais adiantado foi dado enfoque ao aprofundamento da leitura e ao exercício da escrita, enquanto que em outras localidades, como a Barra do Vento, foi dado um maior enfoque na identificação dos símbolos lingüísticos e na criação de elementos de apreensão destes. Porém, apesar das formas diferentes de trabalhar de localidade para localidade, houve com todas as pessoas envolvidas no processo uma retomada dos encontros anteriores, relacionando as leituras de mundo realizadas com os temas trabalhados no processo de melhoria da produção e comercialização, e aprofundando alguns pontos com relação a leitura e escrita de acordo com as possibilidades de cada turma.

Temas geradores

Associação

Os problemas que envolvem a associação ocorreram com muita freqüência nas discussões. As críticas iam no sentido da falta de organização e na sensação que se tinha que a associação não estava fazendo nada. Aqui se trabalhou bastante a questão de como está funcionando a associação e o que precisa melhorar, como, por exemplo, a comunicação das ações que estão sendo realizadas, dadas as distâncias entre localidades.

Foi construída uma proposta de que o barco que faça o trânsito de produtos para comercialização possa ser um veículo de informações das ações da associação. Além disso, em curto prazo a comunicação pode ser melhorada a partir das amizades que já se tem, trocando cartas, exercitando a leitura e escrita, perguntando como é que estão as coisas da associação, como é que se pode contribuir com os trabalhos, entre outras coisas.

Com relação aos papéis envolvidos na representação junto a associação, os papéis que estão colocados para os diretores, de responsabilidade por suas ações junto a associação, como também junto a sua família, fato esse comum a todos os outros moradores e a cobrança da comunidade por um trabalho efetivo da associação, se propôs que tenhamos cuidado na hora de tecer uma crítica as ações que estão sendo realizadas; é preciso ouvir quem está fazendo e como estão sendo feitas do ponto de vista de quem faz, para então poder contribuir para a efetivação dos trabalhos da associação e, por consequência, a melhoria da qualidade de vida das pessoas da comunidade.

Refletimos sobre o papel da associação no processo de comercialização da produção dos moradores da reserva. A importância que tem uma associação estruturada, com ações de informação de suas ações e mobilização para trabalhos coletivos.

Esta questão do associativismo é um tema que tem que estar na pauta dos encontros que forem feitos com a comunidade, trabalhando-o de diversas maneiras possíveis, procurando discutir os conflitos que são gerados no cotidiano, somando-se às ações de formação que podem ser feitas com os diretores da associação.

Escoamento da produção

Foram feitas sugestões com relação ao uso da estrada que vara na localidade do Palhal. Esta é uma temática que esteve presente da localidade da Boa Saúde até a localidade de Buenos Aires, com exceção da casa do Dionísio, da qual fui convidado a me retirar assim que botei o pé no porto.

Os moradores mais antigos retomaram o histórico da estrada. A estrada inicialmente varava na localidade Buenos Aires e na Alto Alegre e existe desde pelo menos 1903, data em que o pai de Seu Agostinho nasceu e ela já existia. Era utilizada para transportar carga puxada por animal (burro).

Segundo os moradores não há razão para a proibição da estrada, já que ela já existia mesmo antes dos madeireiros e grileiros e a sua utilização viabiliza o acesso a cidade mais próxima (Itaituba), principalmente em caso de tratamento de doenças. O escoamento da produção foi colocado como uma justificativa a mais para o uso da estrada.

Foi colocado aos moradores o questionamento de como seria feito para controlar o que entraria e o que sairia da reserva, já que o trânsito de entrada e saída seria facilitado. Estes contrapuseram o quadro atual de completo descontrole sobre o que entra e sai da reserva: as estradas que dão acesso ao igarapé Conceição e ao igarapé do Limão, possibilitando a retirada de exemplares de mogno da região, a destruição das castanheiras e copaíbas e a restrição de acesso a região por seus moradores para a coleta de castanhas e óleo de copaíba – esta região tem um grande potencial de produção de castanhas e óleo de copaíba -, associados a dificuldade de fiscalização regular do IBAMA criam um quadro de total descontrole da região.

Acredito que é necessário aprofundar esta discussão junto com a comunidade, pois há alguns fatores, como a fiscalização por exemplo, que não funciona como a gente gostaria que ela funcionasse. A corrupção, o poder, entre outras questões são importantes para serem discutidas com a comunidade, na busca de construir alternativas que fazem sentido para a comunidade. Além disso, talvez não tenha ocorrido um debate com relação ao tema estrada e pode-se ter construído um pensamento de que não adianta participar, pois o que fica é a imposição de uma verdade.

Produção

Produção armazenamento – galpões em localizações estratégicas (barracões da comunidade), construção de paiol nas localidades; escoamento – barco da comunidade, trazendo produtos da cidade e levando a produção. Uma outra sugestão dada para o abastecimento de produtos da cidade foi a existência de cantinas, as quais poderiam se localizar nos locais onde estarão os galpões de armazenamento de produtos; ...

Outro produto que aparece como forte potencial de geração de renda é a extração do látex da seringa. É necessário, no entanto, conseguir um preço melhor. Foi retomado um histórico dos por quês que estão permeando o preço da seringa: a borracha que saía do Riozinho (aconteceu em outros lugares também, não sendo uma exclusividade desta região) vinha misturada com barro, peças de motor, dentre outras coisas, o que gerou uma desvalorização do produto. Pedro fez uma sugestão interessante: convidar o Manuel Cunha, da RESEX Médio Juruá, para trabalhar com o pessoal do Riozinho as temáticas de organização comunitária, processo de associativismo, qualidade de produção de borracha, processos de negociação com empresas, dentre outras questões que podem contribuir para a melhoria do processo de geração de renda e de organização comunitária.

Discutimos sobre as formas de produção e de garantia de qualidade, a relação entre qualidade e preço do produto. Foi sugerido que se construa regras com a comunidade no sentido de proteção da possibilidade de haver moradores que desobedeçam as regras de conduta para atingir uma certa qualidade pretendida. Porém ficam algumas questões a serem respondidas: qual é a qualidade pretendida? quem cuidará desta qualidade, além do próprio produtor? Com relação a esta questão foi sugerido que cada saca de castanha tenha o nome do produtor no saco, a fim de que seja identificado a origem de um possível problema. Porém, foi alertado que é necessário se ter claro que é preciso ter cuidados durante todo o processo de beneficiamento da castanha, a fim de evitar problemas com as empresas compradoras do produto.

A troca de saberes e fazeres entre moradores, a fim de se elaborar coletivamente um processo de produção que atenda as demandas do mercado, e a construção de materiais didáticos com os moradores, descrevendo os processos produtivos e os cuidados envolvidos em cada etapa de produção, a qualidade adquirida, entre outras questões podem ser os temas geradores de ações de educação que possam ser promovidos, visando contribuir para uma maior articulação dos moradores em torno de um objetivo comum: a comercialização de produtos da floresta.

Outros produtos que surgiram como potenciais geradores de renda foram a seringa, as sementes em geral para a confecção de artesanato – mulungu, açai, patauá, pachiúba..., a semente de copaíba (medicinal, paga-se R\$ 50,00 o quilo em Altamira), o óleo de copaíba, o óleo de andiroba (a massa também tem valor comercial), a farinha de mandioca, as frutas manga, açai, cupuaçu, cacau, banana, milho, mamona, óleo de babaçu, vinho de patauá, o arroz – Xaviel, Fogoió e Tonheira tem uma produção grande de arroz e foi requisitado junto ao INCRA uma máquina para beneficiá-lo.

Comercialização

descentralização do processo, a fim de aprender as lições da ação centralizada no Seu Herculano; ...

Além da comercialização de produtos com empresas e pessoas de fora da reserva há a possibilidade de comercialização de produtos geralmente comprados na cidade como arroz, café, entre os moradores, gerando renda e abastecendo o comércio local;

Conflitos

IBAMA

Na localidade Paulo Afonso em especial está muito latente a história de conflito vivida por seus moradores na época em que estavam trabalhando para fazendeiros e grileiros e sofreram repressões por parte do IBAMA, Polícia Federal e Polícia Militar. Na época deste ocorrido, há uns 3 anos atrás, as suas armas foram apreendidas, inclusive suas espingardas. A espingarda é um equipamento essencial para o morador do mato, tanto para a segurança de sua família, como também para a obtenção de sua renda e alimentação cotidiana, e a falta desta para estas famílias deixou muitas marcas.

Entendendo que este histórico de repressão vivido por estas famílias é uma questão que perpassa a organização comunitária, o associativismo e a sua problematização pode contribuir para o entendimento dos conflitos que são construídos entre os moradores optou-se por trabalhar esta situação com mais profundidade.

Refletimos sobre as escolhas que foram feitas – de trabalhar junto aos grileiros e fazendeiros – e o que estava se ganhando com isso (melhoria da renda, acesso a saúde e promessa de acesso a educação) e o que estava se perdendo (o conhecimento de viver da mata sem destruí-la, retirar da mata a manutenção da existência de sua vida e de seus familiares garantindo isso para seus filhos e as gerações futuras).

Foram colocados por Pedro as perdas acarretadas a partir da apreensão de sua espingarda e a forma como esta ocorreu. Segundo Pedro, o IBAMA e a Polícia Federal entraram em sua casa perguntando por armas e serra elétrica; a serra elétrica foi entregue a espingarda foi levada de sua casa sem o seu conhecimento. Quando ele se deu conta da arma o pessoal do IBAMA e os policiais já estavam na voadeira partindo da localidade rumo a subida do rio, dizendo que deixariam na volta, o que não foi feito. Resultado: a espingarda foi roubada pelos policiais e pelo IBAMA, na compreensão de Pedro. Além disso, o que se seguiu foi um endividamento por conta das dificuldades de obtenção de

renda, já que para a maior parte das atividades deste caráter a espingarda, como dito anteriormente, é equipamento essencial.

É importante lembrar que quando se vai para o mato não se sabe quando vai se topa com uma onça, ou mesmo com uma paca ou outro animal que possa servir de fonte protéica para a família. Associado a isso, seu pai nesta época passou por problemas de saúde, tendo que ficar por tempos na cidade hospitalizado, tendo que os filhos arcar com os custos envolvidos nesta situação. Com a somatória destes acontecimentos gerou-se uma situação que até hoje marca a família com grandes perdas.

Refletimos sobre a conduta de quem está administrando uma situação como esta, como o governo, por meio do IBAMA e Polícia Federal. Perguntou-se qual seria a conduta de alguém que está administrando a situação ocorrida; qual seria a ação que se eles fossem quem estivesse administrando a situação e soubessem que o processo que estava ocorrendo de expropriação dos bens que eram da comunidade havia participação de pessoas da comunidade teriam nesta situação? Se concordarmos que a maneira como foi feita a apreensão da espingarda não seja a melhor, mas isso não podemos mais mudar, já aconteceu, o motivo que gerou a ação repressora não seria passível de alguma outra ação? O que eles fariam? Ficou a pergunta no ar e o silêncio pensativo da reflexão sobre a situação vivida.

Acredito que a escuta e a discussão sobre esta questão criou uma comunicação muito boa entre nós e, associado ao trabalho de educação que foi realizado, o qual o pessoal da localidade demonstrou uma motivação inspiradora para trabalhar, propiciou uma atmosfera de cumplicidade em muitos momentos, cumplicidade esta essencial para uma participação efetiva na construção de conhecimentos que se seguiria.

Pesca

Foram relatados problemas de quebra do acordo de pesca construído pela comunidade, o que tem gerado conflitos entre as pessoas da comunidade e um enfraquecimento ainda maior da ação do IBAMA na região. Foi denunciado pesca fora da região permitida, uso de malhadeiras para venda de peixes, matança de jacarés e lontras, os quais “atrapalham” a atividade dos pescadores, a diminuição da quantidade de peixes e o aumento da dificuldade da pesca para o consumo. Em várias localidades foi observado pesca para venda com malhadeiras, peixes mortos e um jacaré morto.

Discutiu-se o que poderia ser feito para melhorar esta questão e diminuir os conflitos entre os moradores e foi aparecendo tanto o fortalecimento das ações de fiscalização do IBAMA como também a criação de alternativas de geração de renda, a fim de desestimular a pesca como fonte de geração de renda. Nesta época do ano quase não resta alternativa de renda para a população da reserva, com exceção de um ou outro morador que conseguiu, por exemplo, uma venda de sacas de farinha de mandioca.

A leitura e a escrita

Após a retomada das palavras trabalhadas nos encontros anteriores e a leitura de mundo compartilhada gerada por estas, foi trabalhado a produção de palavras, frases e textos do cotidiano dos moradores, e a partir desta produção íamos construindo coletivamente a “correção” das palavras, frases e textos. A escolha de fazer coletivamente este processo se dá pela concepção de educação como um ato compartilhado, em comunhão, como nos lembra Paulo Freire, que não se faz por uma única pessoa que sabe e outras que não sabem.

É importante que se diga que este trabalho de “correção” foi feito relembRANDO-se que não existe certo e errado, existem formas diferentes de se comunicar que dependem do tipo de uso da linguagem: quando estamos conversando entre compadres/comadres se usa uma forma de falar e quando vai se fazer um abaixo-assinado se utiliza outra; uma forma de utilização da linguagem tem o objetivo de se comunicar e a outra além de ter a função de comunicação tem também um caráter legal.

Com isso, trabalhou-se a valorização da ação de transformar em símbolo o que se pronuncia de som e os diferentes usos que fazemos da escrita. Recordou-se dos cantores, dos escritores, dentre outras pessoas que escrevem do jeito que falam e são valorizados por isso, pois faz parte da história de vida destas pessoas. Através da forma como falamos e do que falamos “damos a ler”¹ com quem dialogamos mais do que palavras: junto as palavras vão traços culturais, dentre outras marcas que constroem a identidade de quem fala.

Ao mesmo tempo, trabalhou-se a importância de saber a forma de escrita das palavras de acordo com a regra, a fim de contribuir para a leitura dos textos que os moradores tivessem acesso.

Procurando estimular a ação de escrever dos moradores e atender as diretrizes anunciadas por pesquisadores em educação de construção de materiais didáticos que sejam próprios as características locais, foi deixado como “tarefa de roça” a produção de textos que remetessem a lendas, causos, histórias da região, os quais poderiam dar origem a um material didático, fato esse que parece ter criado uma motivação nas pessoas presentes nos encontros.

Na localidade Barra do Vento foi identificado um hábito de escrever de trás para frente. Como ação de entendimento do padrão de escrita adotado pela maioria das pessoas no Brasil, foi retomado aonde é a frente do caderno, qual é o alto da página, a convenção de escrita adotada por nós brasileiros (no Japão, por exemplo, o jeito dela poderia ser entendida, mas para as convenções nossas fica difícil a compreensão), retomada da função da escrita – a comunicação, nós temos que comunicar por símbolos, “desenhos”, o que estamos acostumados a comunicar em palavras, para *participar* com outras pessoas que a gente não pode falar “ao vivo”, para isso os símbolos tem que ter o mesmo desenho: é que nem os pé-de-pau, se muda o formato das folhas

¹ Jorge Larossa. Educação e linguagem depois de babel.

ou o formato do tronco muda também a espécie, assim como acontece com os sons.

Procurou-se, nos diversos momentos de atuação, manter-se o cuidado para que não tivéssemos ações de valorização da cultura letrada em detrimento da cultura oral; procurou-se buscar a apresentação da cultura letrada como uma outra possibilidade de comunicação, diferente da oral, fazendo uma leitura compartilhada dos valores que tem uma e outra de acordo com o momento que estão sendo requeridas: um contador de caso em ação, em volta de uma fogueira e ouvidos atentos, usa todo um conjunto de habilidades para o fazer-lo, diferente de quem quiser relatar aquela experiência como parte de um estudo, o qual necessitará de outras habilidades.

Acesso a educação escolar

Durante os encontros e nos momentos de convivência foi-se trabalhando na reflexão sobre as ações que foram realizadas com relação a alfabetização e formação, sobre as ações que a comunidade têm construído para se concretizar o acesso a este direito e o que precisaria ser feito, que não está se fazendo, para “fazer acontecer” uma educação escolarizada.

Os moradores demonstraram-se esperançosos com relação às pessoas que têm acompanhado os encontros, procurando formarem-se professores, sendo que algumas colocaram o entendimento de que esse é o rumo, a valorização e o fortalecimento do conhecimento das pessoas da comunidade, as quais vão dar continuidade as ações que possam se iniciar, diferente de uma pessoa de fora, que tem uma família, que não se acostuma com as características do lugar e, depois de um tempo deixa a comunidade desassistida.

Aqui foi discutida a entrevista do professor indígena Mutuá Mehunaku (Revista Brasil Indígena), refletindo sobre a sua história de vida e sobre os objetivos que a educação da população indígena (e das populações tradicionais) persegue, tendo como pano de fundo uma cultura homogenizadora.

Outro ponto que se discutiu foi a valorização dos conhecimentos tradicionais como um fator que pode contribuir para o respeito aos costumes, hábitos e tradições, a organização do trabalho, a organização familiar e comunitária. Esse respeito é ponto de partida para a melhoria da educação das pessoas, pois a educação que será construída no cotidiano de relações de educadores e educandos tem como premissa a melhoria da qualidade de vida da comunidade, comunidade esta que forjou as suas identidades.

Outro ponto trabalhado foi a reunião realizada pela prefeita de Altamira Odileida Sampaio, na casa do Fiel, funcionário da SESPA (Secretaria Estadual de Saúde do Pará), com os moradores do Riozinho. Nesta reunião foi discutido a questão da escolarização na região e foi proposto pela prefeita a construção de duas escolas. Um dos moradores, Seu Valadar, contrapôs esta proposta com uma de construção de uma escola, argumentando que a construção de uma escola já está difícil, duas então pode tornar a proposta impraticável. A prefeita questionou dos moradores se eles se dispunham a trabalhar na construção dos espaços de aula, tirando as madeiras e levantando a estrutura

que abrigará as aulas. Os moradores colocaram a sua disposição em trabalhar, porém disseram que necessitavam de gasolina para funcionar as serras-elétricas para tirar as madeiras. A prefeita ficou de disponibilizar o combustível. Prometeu que até o fim do ano ela vai até a comunidade para dançar um forró com o pessoal. Disse também que se as coisas não acontecerem como prometido os moradores podem cobrar do Fiel. Essa foi a percepção que ficou da reunião dos moradores com a prefeita. E foi a partir desta percepção que trabalhamos na leitura de mundo compartilhada.

Questionou-se se era a primeira vez que estava sendo feito um plano deste tipo, se era a primeira vez que se propunham ações na região. Foi lembrado que dos prefeitos de Altamira três eram filhos da região e, no entanto, nenhum deles conseguiu atender as reivindicações da população. Em uma conversa com Seu Herculano, este nos disse que já havia feito reuniões com a prefeita e esta já havia prometido a escola na região e também já havia prometido ir até a comunidade para dançar um forró com o pessoal, o que não aconteceu. Pensou-se, portanto, que não dá para ficar esperando que surja uma ação diferenciada desta vez, mas que se ela ocorrer será bem vinda, se atender os cuidados de respeito à organização comunitária e aos conhecimentos tradicionais característicos da região, questão esta que precisa ser mais aprofundada no coletivo.

Durante o trajeto de volta foram flagrados diversos pescadores de fora da RESEX do Iriri com acampamentos na beira do rio, maioria amadores (6 acampamentos) e alguns profissionais (4 barcos) e foram vistos 2 grupos capturando acaris (peixes ornamentais). Na Transiriri foram encontrados 4 caminhões madeireiros, haviam 4 geleiros esperando peixe na Maribel, assim como um fazendeiro local, muitos bêbados mesmo de manhã. Havia também muitos índios Kuruaia transportando mercadorias para o Garimpo Madalena. Foram encontrados 5 barcos de pescadores subindo o rio, 3 de fora da RESEX.

Incrível, como mesmo nesta época de muitas dificuldades de navegação, as atividades não param no rio. É completamente natural para eles empurrar os barcos, catracar (puxar) o mesmo com ajuda de cordas presas em pedras ou árvores. Presenciei 2 situações, uma com o barco do Pedro Costa na subida e outra com o Barco do Zezinho na descida (que inclusive ajudamos). A diferença é que não são imprevistos, são obstáculos que fazem parte do cotidiano deles nessa época do ano. Estão preparados para levar de 10 a 14 dias de Altamira para o Riozinho ou para o Garimpo Madalena.

Considerações Finais

O processo de melhoria da comercialização da RESEX Riozinho do Anfrísio é uma necessidade latente, muito esperada pelos comunitários. Com a criação da RESEX, as fontes de renda diminuíram (antes muitas famílias exploravam ouro nos garimpos da RESEX). Porém a organização

Próximos passos

- Refletir mais sobre a atividade realizada;
- Planejar a próxima expedição com base na experiência vivida e expectativas colhidas com a comunidade;
- Entrar em contato com a Transforma para marcar reunião;
- Monitorar atividades da associação (combinaram de fazer reunião da diretoria no final de outubro);
- Montar quadro de atividades realizadas e planejadas na Terra do meio por diversas instituições;
- Monitorar ações do IBAMA, dando suporte no que for possível;
- Contratar Rocio para iniciar trabalho na direção da certificação da área do Riozinho.
- Continuar pesquisas com empresas e procurar parceiros potenciais para o Riozinho
- Definir em conjunto com o IMAFLORA e IBD forma de certificação alternativa para comunidades
- Aprofundar contato com instituições locais;
- Visitar fábricas de óleos de castanha comentadas pelo Benigno.
- Comemorar resultados!